



# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVI nº 123, março / abril — 2024



## PONTES DE MIRANDA, O ESCRITOR

Ednardo C. Benevides

**E**scriver é em suma exprimir ideias. Os autores ao exprimi-las exprimem também, por vezes inconscientemente, um estilo próprio, personalíssimo. Pois em se tratando de Pontes de Miranda, os leitores que têm a audácia – e não há outro termo, sustenta-se – de desbravar as mais variadas searas trilhadas por ele sem muita dificuldade reconhecem nele um autor sem par.

A singularidade do autor é pela extensão de suas obras (a mais conhecida, *Tratado de Direito Privado*, que mantém o recorde de uma biblioteca feita por apenas um autor, possui 60 volumes), e é conhecido também pela profundidade com a qual trata dos institutos sobre os quais põe-se a escrever, o que se constata ao depararmos com a plêiade de autores constante nas referências bibliográficas do referido Tratado, milhares.

A cadência desse estilo revela, verdadeiramente, a estética do autor, manifestação de uma axiologia. Isso é, a escrita como instrumento de valor e também a escrita como um valor em si, uma vez que não se trata apenas de palavras eleitas a esmo para compor algum sentido. Seja qual o âmbito temático, Pontes de Miranda é em todas essas oportunidades um escritor, perfil que aparenta trivialidade, mas que em análise um pouco mais atida, revela-se diametralmente oposta. Sua escrita nunca fora errante, sem rigor.

A escrita é também meditação. Não apenas pelo que se escreveu, mas também pelo que se meditou antes de se escrever. E mais até, posto que ao confrontarmos-nos com o texto, lendo-o, também havemos de meditar.

Dentre uma infinidade de livros os quais transmitem esse sentimento, e especialmente atendo-se ao título do presente artigo, citam-se as obras literárias do também jurista Pontes de Miranda. É, em breve assertiva, uma viagem pelo Universo, uma tonitruante metafísica que faz-nos facear com nós mesmos, com a típica singularidade do multiverso do autor.

As obras clássicas pedem, nessa toada, além de meditação, contemplação. Um desafio, por decerto, especialmente estando insertos em uma cadência cada vez mais acelerada, sedenta por resultados, por resultados materialmente aferíveis. Pois quase nunca o escritor pode verdadeiramente entregá-los, dado que lidando não apenas com as palavras, mas com o sentido que é dado a elas, com o sentido que se amolda ao contexto das relações semânticas e sintáticas é mais crível que problematize do que

simplesmente entregue um produto pronto, acabado.

É um ato de verdadeira humanização, posto que nos incumbe a tarefa não apenas de criar, em conceito imamente, mas de pensar, de problematizar elementos, de fazer, pragmaticamente, que o “homo sapiens” seja um homem sábio. A escrita, noutra ponta, materializa e especialmente registra, consolida no tempo o que outrora alguém teve a capacidade de exprimir. Que seria de nós, enquanto civilização, sem a escrita? Furto-me a pensar nessa tragédia.

Nessa toada, o escritor tem algo de sábio dentro de si, pois não faz do tempo seu inimigo. Não luta contra ele, não quer vencê-lo. É espírito amadurecido, que compreendeu a sua finitude enquanto autor, mas que crê na perpetuação de sua obra, que o diga Pontes de Miranda.

Se o cotidiano aniquila, apequena para evadir-se de si mesmo, para flácidas respostas pacatas que não absorvem toda a existência humana (nem poderia, mas em discurso dissimulado o crê), sempre haverá um escritor, um

Continua na pág. 2

## A FOTOPOESIA DE UM OBSERVADOR INQUIETO

Ronaldo Cagiano

PÁGINA 3

artista, a criar mais do que existe no mundo real, factível, em sentido que falou o escritor Ferreira Gullar.

A escrita, a literatura existe, crê-se, para recordarmos e relembrarmos que os sentimentos existem, sentindo-os ou não. Por isso que o aforisma “o poeta é um fingidor” é, defende-se, minimamente infeliz, porque a questão não é se ao falar sobre ele o escritor comunga daquele estado de espírito ou não, a questão nodal é que aquele estado de espírito existe. E se esse estado de espírito existe alguém, aqui, ali ou alhures assimilará-se a ele.

Justamente no contexto de assimilação e desassimilação Pontes de Miranda escrevera seu primeiro livro, *À margem do direito* – ensaio de psicologia jurídica, no ano de 1912. Sempre coerente, mesmo em suas várias fases de intelecto, preparou o leitor – e a bem da verdade, crê-se que preparara também a si mesmo – para obras que ainda estavam a serem escritas, mas àquele tempo em processo de meditação.

Um livro é uma decantação das ideias. A escrita pressupõe sensibilidade, uma sensibilidade que em Pontes de Miranda singrou os mares da ciência, comungando-o com a literatura, com a prosa e poesia. Por mais que soe contraditório, após a leitura de algumas obras do autor é algo factível. O mesmo autor que com sua veemência científica dissertara sobre o *Sistema de Ciência Positiva do Direito*, em 1922, com o ímpeto poético escreveu *A sabedoria da inteligência*, em 1923. Lembra-se também o literário *O sábio e o Artista*, de 1929.

O que se constata em Pontes de Miranda é que ele, em um, fora muitos, muitos os quais que em análise

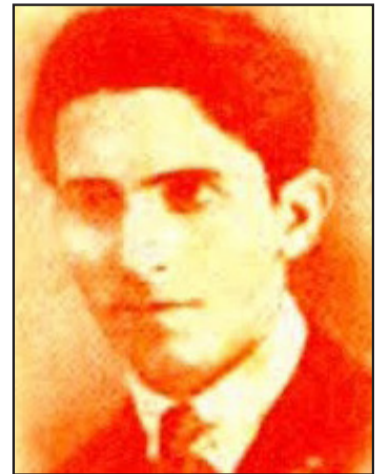
primária poderiam ser inconciliáveis. É uma das raras joias que a cultura brasileira produziu e a quem devemos reverências, mas não por saudosismo, mas pela capacidade de ser um homem além do seu tempo e dessa maneira perpetuar-se no tempo. Essa é, pensa-se, a constatação de uma realização: perpetuar-se no tempo, com todos os reveses a cindir as eras, a quebra do binômio tempo-espaço (ou, como creu Pontes de Miranda, tempo-espaço-matéria).

Os apressados de espírito não criam intimidade com o autor. As engrenagens não têm ritmo harmônico, digladiam entre si, de modo que se pode afirmar: Pontes de Miranda é como a esfinge. Ou você o decifra, ou ele te devora. No decifrar desse código ponteano é imprescindível uma postura despregada de preconceitos, pois o que dali emerge é mel novo, sabor palatável para os que pacientemente aguardam as suas fases de amadurecimento.

A questão não é o que ele escreve mas, precipuamente, como ele escreve. É a primeira chave, captar a marcha do autor, como as frases são escritas, como as ideias são postas no papel. A partir desse ponto primordial vai se dissipando o aparente céu tempestuoso, que se convola em límpido firmamento azul matizado.

Desta feita, apesar das aparentes dificuldades, dos tecnocratas a postos que aniquilam não somente a escrita, mas a cultura como um todo, que mantenhamos o legado de Pontes de Miranda em comento. Na literatura, no direito, na biologia, na química, na matemática, na ciência política, na antropologia, na sociologia, na ciência, na filosofia: Sempre escritor.

## Soneto do Mês



### DOMADORA DO OCEANO

Moacir de Almeida

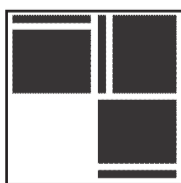
Eis a teus pés o oceano... É teu o oceano!  
Deusa do mar, teu vulto aclara os mares,  
Esguio como um cíato romano,  
Nervoso como a chama dos altares...

A alma das vagas, no ímpeto vesano,  
Ajoelha ante os teus olhos estelares...  
Eis a teus pés o oceano... É teu o oceano!  
Cobre-o do verde sol dos teus olhares!

Sou o oceano... És a aurora! Eis-me de joelhos,  
Ainda ferido nos tufões adversos,  
Lacerado em relâmpagos vermelhos!

Sou teu, divina! E, em meus gritos medonhos,  
Lanço a teus pés a espuma de meus versos  
E as pérolas de fogo de meus sonhos!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA  
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho  
Vice-Presidente: Roberto Rosas  
Secretária-Geral: Sônia Helena  
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha  
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria  
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,  
Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,  
Kori Bolivia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 123 – março / abril 2024

Editor  
Anderson Olivieri  
(Reg. FENAJ nº 2887)

Revisão  
Napoleão Valadares

Conselho Editorial  
Anderson Braga Horta, Sônia Helena,  
Anderson Olivieri e  
Fabio de Sousa Coutinho  
Programação Visual  
Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Impressão: Editora Otimismo Ltda.  
SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303  
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

# A FOTOPOESIA DE UM OBSERVADOR INQUIETO

Ronaldo Cagiano

**E**m *Insanos* Ozias Filho (OF) constrói uma obra que emerge de um meticuloso processo de observação. Para além de uma estética do olhar, há ressonâncias de uma contemplação reflexiva. Seu percurso vem de longa trajetória de convívio com a palavra, não apenas em sua centralidade verbal, mas na fotografia, vertente pela qual inaugurou sua expressão literária na fusão entre texto e imagem.

Trata-se de um livro heterogêneo, abrangendo inegável hibridismo, que funda-se numa cosmovisão e numa simbiose de linguagens. Em sua prospecção de cenários e ambiências multiplicam-se as inúmeras miradas de um poeta, seja na íntima câmera clara das palavras, ou nos registros fotográficos que vão compondo os múltiplos sentidos de uma detalhada apreensão artística, ao explorar metáforas e expandir significados.

Intercalando ao conjunto uma série micro-textos de perfis imaginários, conferindo-lhes o sugestivo título de “Divã sob medida”, OF introjeta em seus planos verbo-visuais também o onírico e o psicológico, instâncias que detonam seu gatilho para uma revisita a questões e temáticas vitais às personas que habitam seu inconsciente. Uma certa crônica vai tangenciando a mitologia individual e coletiva, abrindo-se em clave de autoanálise nesse consultório poético, estopim que deflagra uma explosão de confidências, consistindo numa densa e tensa imersão em realidades distintas, a partir de catarses que drenam conflitos e dilemas, guardando analogia com o que evocou Freud: “Seja qual for o caminho que eu escolher,/ um poeta já passou por ele antes de mim.” Essa geografia é retratada por OF com inegável carga simbólica nas histórias que se cruzam e flertam o mundo e as pessoas em seu caldeirão de vicissitudes,

num pêndulo entre a dor e a delícia.

Prosa e poesia criam uma interface de signos que, alargando as fronteiras dos gêneros, abarca a centralidade do ver, ouvir e sentir e cartografam o imprevisível. Essas peculiares já vislumbradas em outras obras de OF, como em “Insulares” (Ed. Jaguatirica, Rio, 2018) e “Os cavalos adoram maçãs” (Ed. Urutau, Lisboa, 2023) evidenciam composições de inspiração felliniana e que habitam o escritor carioca radicado há mais de três décadas em Cascais, contracenando com suas origens, flexionando-se entre distintas realidades territoriais, culturais e afetivas.

Escritor de versátil embocadura, é entre a lente e a pena (ou o teclado) que o campo magnético de sua criação se enuncia, capturando e recriando universos e atmosferas. Errâncias prosaico-poéticas que não se circunscrevem somente à galáxia do previsível, mas acima de tudo abrem picadas nos atalhos do insondável, esse lugar de descobertas tão fértil que o impulsiona tanto em direção ao assombro/estranhamento quanto ao deslumbramento, resultando numa confecção literária de viés polissêmico.

Em seus flagrantes do cotidiano, muitas são as faces desse prisma, do qual OF retira sua imagética poesia: do humano ao social, do histórico ao político, do banal ao doméstico, do entreouvindo ao intuído, de tantos *insights* e diálogos com o tempo, o mundo, as pessoas e fatos. Tudo converge num plano de projeções sensoriais, reverberando um panorama pessoal, mas ao mesmo tempo de inescapável universalidade, pois do seu meticuloso promontório de observações OF desvela um mapa de subjetividades, desnudando nesse percurso as esfinges do acaso.

Em *Insanos*, não há limites para o pleno exercício das sutilezas poéticas

de OF, tudo é matéria, circunstância, motivo e desejo para sua comunicação. Ao reconhecer em cada espaço ou nuance espelhos para uma potencial força semântica que culminam num registro dialético, desloca-se nas mesmas águas do escritor surrealista brasileiro Campos de Carvalho, que sentenciou: “Faço da poesia o meu hino de revolta, mas também de perdão, que entoo em pleno silêncio e sem nenhum coro estranho, a não ser o dos meus fantasmas, que afinal são eu mesmo sob a forma de mil espelhos e de ecos inenarráveis.”

Na distópica, insana e caótica aldeia em que vivemos, onde também “palavras são fronteiras nômadeas” (p. 93) é “no silêncio da fotografia” (p. 103) que a palavra-lâmina de *Insanos* se insinua, incidindo sobre a epiderme dos dias. É onde o eco de uma inflexão crítica conduz a um rastreio cirúrgico dos tecidos que compõem o corpo-experiência das sensibilidades e nesses influxos líricos ou sociais, o humano se esboça num imenso pluricanto em que o autor não abdica de um discreto lume da ironia.

Além do trânsito conceitual e o vezo de inquietação que alimentam a chama artística de autor e obra, resalte-se o esmero da linguagem, cujo extremo rigor e economia textual definem esse trabalho de pura ourivesaria. A dicção permeada de singularidades e o jogo sintático e de espelhos denotam uma poesia diáfana e fluente, provocando no leitor a mesma e delicada sensação de uma película impressionista, pois, ao visitar “lugares vagos e despovoados”, redescobre a vida em cada detalhe. São poemas despídos e que (nos) despem, pois amplificam os espectros dissonantes desses tempos de tamanhas refrações e nos ferem ou nos alertam diante “da falência inevitável/ que nos espera” (pg. 44).

# AS MUDANÇAS VIVIDAS EM BRASÍLIA

Elena Salles

**P**egar cajuzinhos no cerrado, de solo seco e árvores pequenas com troncos grossos, era um momento maravilhoso que nós, os três filhos de Albertino, vivíamos aos finais de semana na nova capital do Brasil. O silêncio profundo era acolhedor, e o sol forte, por vezes, dava passagem a uma brisa suave que nos refrescava. Isso ocorria no espaço que hoje abriga o Parque da Cidade de Brasília.

Certa vez, quando os dois baldes já estavam cheinhos da fruta vermelhinha e saborosa que o cerrado nos ofertava, meu pai, um servidor público da Câmara dos Deputados, pegou uma pedrinha e riscou na terra vermelha, aos nossos pés, duas linhas. Em seguida, nos perguntou:

– Vocês acham que esses traços lembram uma libélula, um avião ou uma cruz?

Depois de nos olhar com firmeza, meu pai afirmou que a cidade em que morávamos, a capital nacional, poderia sim ser comparada a uma libélula, a um avião e a uma cruz. Confesso que, por ser muito criança e ainda viver, à época, a minha primeira infância, não compreendi a analogia, não entendi essa metáfora proferida por meu saudoso pai. Mas, ela ficou guardada na minha mente.

Hoje, ao lembrar desse fato, me permito responder a mim mesma e aos quantos lerem este simples texto que a cidade que me acolheu me permitiu vivenciar mudanças. Também me ajudou a estabelecer toda a minha vida nela. Essa cidade pode sim ser comparada por mim aos três elementos que nos foram apresentados com linhas simples, digo, por meio do desenho simples traçado por meu pai.

Uma libélula! Esse é um inseto leve, ligeiro, que possui uma visão apurada e que é capaz de ver tudo ao mesmo tempo; possui uma visão

de 360 graus. Assim, Brasília me concedeu a alegria de acompanhar o seu crescimento e me permitiu viver o meu crescimento quando estudei no turno matutino na Escola Parque da Super Quadra 308 Sul e na Escola Classe da mesma localidade no período da tarde. Depois, no Colégio CASEB, no Centro Interescolar Elefante Branco, na Escola Nossa Senhora de Fátima... ah, que tempo bom e que passou muito rápido como uma libélula se movimenta de um local para outro!

Um avião! Esse é um meio de transporte fantástico que facilita a locomoção entre grandes distâncias com segurança, elegância, leveza, firmeza, rapidez e tranquilidade. Foi assim que deixamos a cidade litorânea do Rio de Janeiro e viemos morar no Planalto Central. Na verdade, foi na Asa Sul do “avião” que nossa casa nos abrigava: na SHIGS Quadra 707, Bloco E, casa 33, no Plano Piloto. Esse endereço era sempre mencionado como “estranho” por nossos parentes e amigos que vinham nos visitar. Diziam que achavam esquisito as ruas não terem nomes, a cidade não ter esquinas, as farmácias ficarem todas em uma única rua... e tal, tal.

Aos poucos, o avião foi construído com a chegada dos pioneiros que “pediram licença” ao cerrado para abrir avenidas, construir quadras, superquadras, escolas, hospitais... prédios governamentais foram erguidos e oportunidades de mudança eram oferecidas. Como parte da logística estrutural da cidade, o represamento do rio Saia Velha beneficiou o uso de suas águas aos canteiros das construções, porém, foi o da linda cachoeira do rio Paranoá que deu origem ao lago da visão profética de São João Bosco.

Palavras e sotaques de todas as regiões brasileiras eram aqui ouvidos e “em meio a terra virgem desbravada... a mais fantástica cidade: Brasília

a capital da esperança” estava sendo construída pelo funcionário público, pela dona de casa, pela professora, pelo médico, pelo religioso, pelo cidadão brasileiro. Nossa família viveu tudo isso, bem como os dias secos, com ventos que nos permitiam ouvir uma espécie de assobio. Tudo me encantava!

Guardo até hoje o recorte do jornal Correio Braziliense que registrou a homenagem que a então Fundação Educacional proferiu às dez melhores professoras do Distrito Federal, e Anna Regina Salles, esse era o nome da minha mãe, está ali citada.

Ao longo dos seus 64 anos, Brasília mudou para melhor a minha vida. Consegui concluir o curso superior de Pedagogia e Psicopedagogia na pós-graduação. Casar-me e ter filhos foram momentos testemunhados por essa capital da esperança. Até a fantástica experiência de ser avó eu vivi na capital do nosso Brasil.

E a cruz? Ah, esse é um símbolo que pôde ser visto nas linhas que foram traçadas bem lá no início da minha infância e que ainda pode ser visualizado na própria idealização documental histórica que deu origem à então nova capital, Brasília. Esse traço é sim capaz de promover resgate, oportunidade para quem quiser experimentar uma nova vida, uma vida nova em sua integralidade. Esse símbolo que conheci em Brasília me permitiu estabelecer a fé nAquele que é a expressão máxima do amor, Jesus Cristo, e assim viver momentos de muita alegria.

Celebrar mais um ano de vida da capital nacional de todos os brasileiros é mais que dizer a ela parabéns! É viver com ela a mudança do dia a dia, receber e construir com ela um presente melhor para todos nós.

Obrigada, Brasília querida, por me permitir viver mudanças maravilhosas!

Parabéns, Brasília!

# AS VIDAS ORDINÁRIAS EM O COMPROMISSO, DE HERTA MÜLLER

Vera Lúcia de Oliveira

A vida dela não era fácil: convocada sempre às dez da manhã em ponto para prestar esclarecimentos, vivia na corda bamba – até mesmo na torre torta em que morava –, metáfora da sua vida instável e do regime político do país. Trata-se da personagem narradora do romance *O compromisso*, da escritora Herta Müller (1953 - ...), de 1997 (SP: Globo S.A., 2004, trad. de Lya Luft).

Herta Müller precisou partir de seu país natal, Romênia, em 1987, para a Alemanha, onde vive, para contar essa e outras histórias de sua gente oprimida e aprisionada pela ditadura comunista, que teve nos anos de 1970 e 1980 seu principal representante, Ceausescu (1918-1989), que governou o país com mão de ferro, de 1974 até a sua morte.

Esse romance é um soco no estômago. As atrocidades cometidas pela pior ditadura do Leste Europeu mostram o lado podre do comunismo que, longe do ideal socialista, implantou a força e a injustiça como sistema. Nivelou por baixo a sociedade, todos naquela cidade e país eram vigiados ou delatores. A narrativa, lenta, segue, muitas vezes, o ritmo do bonde, que não tem horários fixos, e segue ao bel-prazer do condutor, que encarna o autoritarismo do governo. Só faz o que quer, como parar e descer sem dar satisfação aos usuários. A narradora, quase sempre no bonde, observa, com perspicácia, a comédia humana que desfila a seus olhos no entra e sai dos passageiros e a vida que vê deslizar através da janela.

Ela mesma se define: “não sou coisa nenhuma além de uma pessoa que foi convocada” (p. 46). Era convocada aleatoriamente, mas sempre às dez da manhã, para se explicar sobre os bilhetes que colocara nos bolsos das calças na fábrica em que trabalha-

va, pois tinha o desejo de ser pedida em casamento por um estrangeiro. O casamento apenas como rota de fuga do país opressor. Vigiada pelo chefe Nelu, foi descoberta e delatada pelos colegas, e, como não era membro do partido, sua situação só se agravava. Seus bilhetinhos eram sua esperança, garrafas ao mar, um pedido de socorro, de resgate daquele país. Queria fugir para a Itália. Por esse crime, considerado prostituição na fábrica em que trabalhava, e no país, submetia-se a interrogatórios em que era assediada e também vítima das atrocidades do terrível Albu, chefe da polícia secreta: “Seu comportamento transformou todas as mulheres do nosso país em putas no exterior”, disse a ela (p. 51). Mas o que podemos observar no romance é que todas as mulheres eram tratadas dessa forma pelos homens do próprio país...

O autoritarismo estava nos poros da polícia que prendia e executava os considerados suspeitos ou apanhados na fronteira, como no episódio da morte da jovem e bela Lili, amiga da narradora:

O insolente guarda de fronteira que fuzilou Lili se parecia com a lembrança que o velho tinha de sua juventude. O guarda era um jovem camponês ou operário. Um alguém que poucos meses depois entrou na universidade, e mais tarde se tornou professor, médico, padre, engenheiro. Sabe lá o que ele fez da vida. Quando atirou, era só uma sentinela num vasto paraíso onde o vento assobiava dia e noite a música da solidão. A carne viva de Lili lhe deu calafrios, e a morte de Lili foi um presente do céu, concedeu-lhe dez dias inesperados de folga (p. 60).

Esse episódio repugnante nos remete ao que Hannah Arendt chamou de “banalidade do mal” pela incapacidade de julgamento do sujeito, alie-

nado na sua função de opressor, servindo ao sistema e cumprindo ordens, sem conhecimento das estruturas e contexto, sem compromisso moral com a ética ou com os mínimos sentimentos de humanidade. Essa é, se quisermos assim entender, a “denúncia” de *O compromisso*, título que se torna plurissignificativo ao fim da leitura. Mas não é de literatura panfletária que se ocupa a autora – poeta, novelista, ensaísta e tradutora, premiada com o Nobel em 2009. É, ao contrário, um romance de resistência, exigente, sofisticado, minimalista. A narrativa se desdobra como um origami, ou uma costura com um ponto puxando o ponto seguinte, construindo o intrincado tecido textual, em que palavra puxa palavra, como disse o Rosa. Uma lembrança puxando outra, com predomínio do tempo psicológico. Resistente ainda pelo fato de a autora ter sido perseguida por pertencer a uma minoria de língua alemã e por recusar-se a colaborar com o serviço secreto do país, motivo de sua mudança para a Alemanha.

A vida ordinária de todos pode ser expressa a começar pela protagonista, narradora sem nome, pessoa desimportante, menos que um, com algumas qualidades e muitos pecados, tentando apenas sobreviver na selva da cidade do salve-se quem puder. Com relacionamentos problemáticos, a sua vida tornou-se limitada, sem perspectivas e o compromisso de apresentar-se pontualmente ao interrogatório, seu inferno. Numa sociedade decadente, em que o roubo é quase institucionalizado (roubava-se até roupa do corpo), o álcool e o sexo despuddorado são o triste refúgio de homens e mulheres, estas espancadas, desrespeitadas, abusadas. Como se houvesse em todas as consciências aquele cartaz amarelo dos versos do Drummond: “Neste país, é proibido sonhar.”

# CONCEITO DE FELICIDADE

Arlete Sylvia

Dia 20 de março se comemora o Dia da Felicidade.

“UMA VIDA CHEIA DE FELICIDADE.” Ela está dentro de nós, é simplesmente olhar para o Céu e externar do recôndito de nossa alma um sublime sentimento de Paz e dizer: “SOU FELIZ.”

Entretanto se não acreditares que ela está dentro de si, existem caminhos que poderão levá-lo (la) a encontrar.

Viver bem o momento presente, amar a cada um que esteja ao seu lado porque a “Felicidade é Gêmea”, “entender que a Felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido, e que o mais feliz é aquele que faz os outros felizes. Cultivar atos saudáveis, nunca desistir diante de uma dificuldade,

porque não há uma estrada real para a Felicidade, mas sim rotas diferentes, estar sempre pronto(a) para dar e receber um sorriso, um abraço, viver as coisas mais simples, agradecer pelo Dom da Vida, passear entre árvores numa noite de plenilúnio, sentir que um dia de chuva poderá ser tão belo como um dia de sol, caminhar em plena manhã sentindo o orvalho, o ar puro, uma brisa matinal em nosso rosto, o perfume e a beleza do desabrochar de uma flor, tudo isso temos sem precisar nenhum esforço. “ISSO É FELICIDADE.”

Deveríamos aprender com os pássaros que não têm preocupações, aceitam felizes o frio e o calor, vivem em harmonia com a mãe natureza que nos permite desfrutar tantos momentos de deslumbramento sem nos cobrar nada, mas só depende de cada

um de nós retribuirmos com amor, respeito e carinho.

Nossa existência já é um grande presente de Deus, por isso um dos gestos mais belos que devemos cultivar é o “PERDÃO”. Perdoar é um dos grandes segredos da Felicidade, mas terá que vir realmente de dentro do coração, pois a cada minuto que nos zangamos perdemos 60 segundos de Felicidade.

Nossa vida é uma viagem que todos os dias nos mostra um cenário diferente, e só compete a nós olhar com plenitude e admiração as coisas mais belas que acontecem em nossa volta, como o nascimento de uma criança. Por isso volto a repetir:

“A FELICIDADE ESTÁ DENTRO DE NÓS.”

## HAICAIS DE CARLOS VIEGAS

lapadas de ventos  
nos vazios do sertão  
lenha da fogueira

súbita mudança  
revoam as folhas secas  
por toda a trilha

passa a ventania  
restam árvores sem folhas  
e olhares tristes

água do córrego  
cada dia mais fria  
o leito de pedras

## SEM PERDÃO

Jolimar Corrêa Pinto

Sei que a verdade surgirá um dia  
E o julgamento e a condenação,  
Mas quantos males terão sido feitos  
Sem chance de alguma reparação?  
Crimes sem rastros — aparentemente —

Terão o momento de exumação  
E o povo ingênuo, já desenganado,  
Há de negar pedidos de perdão.  
Hordas então invadirão palácios  
A perseguir pessoas inculpadas,  
Porque foi lá pecado cometido  
Través os anos, reiteradamente.  
Pois já não crê o povo na justiça  
E quer vingar o mal sem indulgência.

# CARDÁPIO ORIGINAL

sôniahelenah

**D**urante muitos anos acreditei ter uma gastrite crônica. O diagnóstico me havia sido dado por uma médica amiga que me prescrevera uma dieta bastante eficaz para o mal que sentia. Sigo várias das suas recomendações até hoje.

Entretanto, de quando em vez o aparelho digestivo voltava a incomodar. Fiz vários exames, até mesmo uma endoscopia, mas nada de anormal existia. Os médicos, então, diziam sempre: – Deve ser estafa... Pode ser emocional...

Até que em uma dessas ocasiões de desconforto, meu médico sugeriu que eu procurasse uma endocrinologista para uma investigação mais cuidadosa e, talvez, uma reeducação alimentar que me livrasse do incômodo.

Segui a recomendação e tratei de descobrir uma endocrinologista reconhecidamente competente. Na primeira consulta, ela fez uma anamnese, anotou uma série de dados, me pesou, mediu, examinou e prescreveu uma série de exames laboratoriais que, segundo ela, deveriam ficar prontos em quinze dias. Recomendou-me, ainda, que anotasse, durante essa quinzena de espera dos resultados, tudo que eu comesse ou bebesse e toda atividade física que fizesse. Frisou muito bem:

*Quando digo tudo, é **tudo** mesmo. Anote até os copos de água que você tomar. Ou as xícaras de café. Se você morar em um sobrado, anote os degraus a cada vez que subir ou descer as escadas. Faça uma planilha com três colunas: a primeira para o dia, a segunda para as atividades físicas e a terceira, para o que comer ou beber.*

Marcou-me um retorno para dezessete dias depois, quando eu deveria trazer os resultados dos exames e a planilha preenchida.

Fiz tudo o que ela pediu e retornei

no dia marcado. Ela pegou o envelope com o resultado dos exames, analisou cada um deles e me disse ter ficado satisfeita porque não havia qualquer problema fisiológico ou hormonal. Passou, então, à planilha que eu havia preparado. Demorou algum tempo examinando-a e, aparentemente surpresa, perguntou-me: *Você tem esse ritmo de vida normalmente ou esse foi um período excepcional?*

*Minha vida é habitualmente assim*, respondi eu. Como em casa fizemos uma opção por não ter auxiliares domésticos, todas as tarefas são feitas pela família, a maior parte por mim. Além disso, eu trabalhava o dia inteiro e tinha alguma atividade de consultoria, além do trabalho principal. Ah, caminhava uma hora toda manhã e no final de semana praticava algum esporte no clube.

Ela, continuou analisando a planilha, com expressão de alguma estranheza. Em seguida, me perguntou:

– *O que é bouillabaisse?*

– É um guisado de peixes brancos com vegetais e ervas aromáticas, comum na região do Mediterrâneo.

– *O que é carbonnade de boeuf?*

– É um ensopado de carne e cebola, cozidas na cerveja com pão, champignons, mostarda e ervas.

– *E ratatouille?*

– É um prato de legumes variados, refogados e cozidos no próprio vapor.

– *Como é o bacalhau espiritual?*

– É feito com pão umedecido no leite, cenoura ralada, azeite, queijo ralado e temperos.

Ela prosseguiu o exame da planilha e as perguntas: *O que é chilli? E boeuf bourguignon? E pasticcio? E tarte tatin? E spumone? E cassoulet? E pato no tucupi? E barreado?...*

A cada uma das perguntas, seguia uma explicação de que era um prato de determinada região, feito com tais e quais ingredientes, de determinada maneira.

Depois de percorrer metade da planilha, ela me perguntou:

– *Nessas duas semanas, vocês estavam celebrando bodas, formatura, casamento, aniversário ou coisa assim?*

– *Não, era um período sem qualquer data especial.*

Ela, releu tudo, repetiu algumas perguntas, quis saber detalhes sobre um ou outro prato e, ao final, me disse:

*Eu não tenho como ajudá-la. Seus exames estão rigorosamente normais. Você não tem problemas de pressão arterial, diabetes, sobrepeso. Seu ritmo de atividade física é mais que satisfatório. Quanto à alimentação, eu sei orientar uma reeducação alimentar para as pessoas que comem habitualmente arroz, feijão, carne, frango, abobrinha, quiabo, repolho, couve, alface, tomate e coisas desse tipo. Quanto a essa variedade de alimentação que você me apresentou, não tenho como opinar. Posso apenas lhe explicar os princípios básicos de uma reeducação alimentar, fundamentada na contagem de pontos, cada ponto correspondendo a uma determinada quantidade de calorias. Posso lhe fornecer, ainda, uma tabela com o número de calorias dos principais alimentos. Com isso, você poderá ajustar a sua dieta à quantidade de pontos desejados, seja para manter a forma, para perder ou recuperar peso.*

Mas eu tenho uma pergunta a lhe fazer:

você fornece marmita?

## ANDERSON BRAGA HORTA

### LIÇÕES DE NATAÇÃO

Em Goiás Velho  
à margem do Poço da Carioca  
Papai nos pegava de qualquer jeito  
e nos lançava na água.  
Rindo e gritando de alegria  
voltávamos bracejando  
para a repetição do arremesso.  
Assim  
aos trambolhões  
aprendemos a nadar.

Passados anos  
adulto  
distante meu Pai  
atirei-me ao largo da vida.  
O impulso era pouco  
não havia braços a minha espera.  
Não me afoguei.

Aprendi a nadar?

### VALSA ANTIGA

Aos pés da cama  
pairando  
sombras a girar  
girândolas  
lentas e pálidas  
de um cinza em desmaio  
talvez remotamente azulado  
como colinas vistas de longe.

Sombras reminiscentes  
de um passado de glória?  
de festas não listadas nos anais?

Moças dançando lentas  
num desvão do tempo.  
Luzes cores grinaldas  
que o tempo reluta em apagar.

### AS IRMÃS

As filhas do vizinho médico  
postavam-se à janela  
apoiando no peitoril os seios  
adolescentes  
e ali ficavam placidamente olhando  
o movimento da praça — quase  
nenhum.

À frente o renque de cajazeiras.  
Além o Palácio branco e azul e leve.  
À esquerda a amburana e a Igreja da  
Boa Morte

simples e sólida.  
À direita o chafariz que sempre achei  
tão belo.

E o jardim com seus coqueiros  
(coquinhos miúdos  
de duros corações envoltos em néctar).  
Eram bonitas as duas irmãs.  
Eu era menino  
e ingênuo; mas o coração  
antecipa sabenças.  
Meu coração saltava por elas.

## YÊDA SCHMALTZ

### POEMA BISSEXTO

#### Aos nascidos em 29 de fevereiro

Num ano não bissexto  
de meses absurdos  
e de horas escritas,  
o teu dia não existe,  
o teu dia absoluto.  
Hoje é a véspera, mas amanhã acabou.  
Agora, é cedo ainda  
pra eu ir cantar na tua porta,  
mas amanhã, é tarde, Inês é morta.

Uma interrogação escorre luminosa  
sobre o imponderável  
do teu dia não-dia,  
mas eu dou uma rosa  
pro teu dia não-dia,  
ante-dia,  
adversus,  
carpe-diem.

No teu ante-aniversário  
que não fazes este ano  
porque amanhã é primeiro,  
não será mais fevereiro,

quisera ver o teu rosto;  
a face triste do baiano  
e o riso largo do mineiro.

Perdido nas estrelas  
de um zodíaco azul  
ficou teu dia  
nadando, peixenauta,  
pelo espaço,  
— olhando para o céu é que te abraço  
enquanto estabilizas tua idade  
de sempre criança,  
de sem gravidade.

E nem temos taças para o ritual,  
nem temos a nós mesmos  
(dançamos um longínquo carnaval)  
nem tenho teus braços  
que o vento, que o tempo,  
que a nave levou.  
Mas um vidro parco  
ou acrílico largo  
tilinta: trim!  
A festa acabou.

### O POETA

O poeta torna eterna  
a coisa que se acaba:  
é uma luz  
de lanterna,  
escolhendo os focos.

O poeta seduz  
e atinge a glória,  
para ser consumido  
pela inveja  
dos que não têm asas  
nem história.

O poeta é um ritual  
de sacrifício  
buscando, embevecido,  
o imbuscado.

É um danado, o poeta  
e seu nome:  
vive de palavra  
e morre de fome.



# É ESSA COISA DE SER BAIANO

Gilmar Duarte Rocha

— O que você explica ter participado de todos os grandes movimentos musicais do Brasil, como o boom de Carmen Miranda e Bando da Lua nos Estados Unidos na década de 40; a participação decisiva na criação e difusão do samba sincopado da Bossa Nova na década de 60; ser idolatrado atualmente por músicos de todas as tendências da MPB? — perguntava Caetano Veloso a Dorival Caymmi numa entrevista improvisada, no fim da década de 80.

O velho menestrel de cabelos brancos como neve e parrudo como um buda nagô, revirou os olhos para cima, como se estivesse imitando com o movimento frenético das pálpebras as asas de um colibri, respondeu a Caetano:

— É essa coisa de ser baiano, sabe!

Caetano riu, pois ele entende o que é essa magia que vem da terra de todos os deuses e orixás.

Dorival Caymmi nunca fez propaganda da Bahia. O velho músico, autor, artista plástico era a própria Bahia em carne e osso, pois levava consigo a brisa das praias bucólicas de lá; o canto plangente do pescador que lança a sua rede nas águas de lemanjá quando ainda é madrugada; o tempero picante da baiana que prepara as melhores iguarias do planeta; a magia da lagoa escura de areia branca; o ócio luxuoso do capoeirista e do tocador de berimbau e, sobretudo, a musicalidade que está incrustada nas veias do povo mestiço, meio jeje-nagô, meio caboclo, meio índio tupinambá, meio branco europeu.

Descendente de imigrantes italianos e de escravos africanos, Dorival Caymmi nasceu e cresceu na velha São Salvador, brincando de empinar arraia (pipa, papagaio), de bater baba (jogar pelada) e bambeando pião nas ruas estreitas de calçada irregulares e nas praças recheadas de sobrados. Inspi-

rando-se no pai, que gostava de tocar violão, o garoto mulato alternava as horas de estudo com incursões às distantes praias do Rio Vermelho e a mais longínqua ainda Itapuã, para namorar o mar, brincar com os colegas e arrancar as primeiras notas num singelo violão. Em poucos anos, o já adolescente Dorival dominava o instrumento e começava a compor as suas primeiras peças musicais.

Chegou o tempo em que a Bahia ficou pequena para o talento de Dorival. Alcançando a idade adulta, pegou um ita no porto de Salvador e foi tentar ganhar a vida na capital federal, o Rio de Janeiro. Pretendia, em princípio, tornar-se advogado. Mas ele sabia no seu íntimo que o seu destino estava ligado umbilicalmente à música, que entrou profissionalmente na sua vida por um desses caprichos da vida. Produtores de cinema brasileiros estavam precisando desesperadamente de um músico para substituir o grande Ary Barroso, que, por motivos pessoais, teve que abandonar o projeto audacioso do filme *Banana da Terra*, estrelado pela talentosa Carmen Miranda. O quase desconhecido Caymmi caiu como uma luva, ainda mais quando compôs em tempo recorde a canção *O que é que a baiana tem*, que tornou-se um hit instantâneo na voz da pequena notável, alcunha artística de Carmen. Com o sucesso do filme e principalmente dessa música, a cantora luso-brasileira chamou a atenção da América e foi contratada para cantar e estrelar em peças e filmes nas terras de Tio Sam. O sucesso de Carmen não derivou apenas da música e do uso espalhafatoso do traje das baianas de Salvador. Lembrem-se “do revirar das pálpebras cotejando o movimento das asas de um colibri”? Caymmi não ensinou a ela apenas esse tique. Gastou horas e horas mostrando à moça branca de olhos verdes como se deve requebrar tal qual as lindas negras do bairro da Liberdade; como girar os braços e cotovelos da forma que faziam

as dançarinas de “vida fácil” das casas de show da Ladeira da Montanha; de usar balangandãs, rosários e miçangas como as pretas da península de Itapagipe.

Caymmi não era apenas cantor e compositor. Ele era uma orquestra filarmônica inteira. Se dessem mais dois braços a ele, decerto ele seria uma orquestra sinfônica. Sozinho com o seu violão num palco, ele sempre deixava o público boquiaberto, tamanha a habilidade em tirar uma gama de sons de apenas seis cordas de um simples violão. A voz grave e maviosa dava o toque final às suas composições, que tinham o invólucro de popular, mas são eruditas tanto quanto as peças clássicas do mestre Villa-Lobos. Essa qualidade musical explica o baixo número de canções de sua autoria se comparado aos outros grandes autores da MPB. Pois ele não apenas compunha uma canção: ele pintava as notas musicais e as emoldurava num quadro imaginário.

“Essa coisa de ser baiano”: uma definição quase profética. Diz a lenda que o famoso cantor Cauby Peixoto, ao sobrevoar a Bahia durante uma turnê pelo Nordeste no crepúsculo da década de 60, apontou o dedo para as terras do Recôncavo e disse, com a sua característica voz empostada: “...é desse lugar que vêm aqueles seres extraterrestres...”

A Bahia, de fato, tem um jeito, como disse Caetano Veloso em uma de suas canções. Jeito esse que Dorival expressou muito bem com as suas melodias e Jorge Amado traduziu com maestria nas suas novelas. Mas há muita coisa que ainda está por vir lá da Bahia, que continua viva ainda lá; que os patrícios desse lugar ainda não clarearam para o mundo. Magia em profusão ainda virá de lá e eu vi.

Bahia, doce mistério!

# O HUMANISMO COMO ILUSTRAÇÃO MENTAL

Carlos Ayres Britto

1.1 Humanismo é vocábulo plurissignificativo. Polissêmico, então, como passamos a expor.

1.2 Uma das mais conhecidas acepções do verbete é de **aprofundado conhecimento das línguas e literaturas antigas**. Inicialmente, cultivo do grego e do latim. Com o passar do tempo, cultivo também do italiano e do francês, que nesse conjunto de idiomas é que foi escrita a maior parte das obras representativas da literatura ocidental (nela encartada a poesia). Sem obscurecer, registre-se, a contribuição do inglês em que se expressou o gênio de William Shakespeare, tanto quanto o espanhol de que se valeu Miguel de Cervantes para compor o seu imortal “DON QUIJOTE DE LA MANCHA”.

1.3 Outra vertente do vocábulo é a de **pendor ou gosto pelas ciências ditas “humanas”**, em oposição ao estudo das ciências tidas como “exatas”. Dicotomia que bem se manifestava na antiga divisão dos cursos de formação escolar de 2º. Grau, aqui

no Brasil, em “curso clássico” e “curso científico”. Ambos preparatórios para o exame-vestibular dos cursos de nível superior, sendo que o clássico se destinava ao estudo das ciências humanas; também chamadas de ciências sociais.

1.4 O engate lógico já se percebe: humanista é a pessoa versada nas referidas línguas, ou, então, vocacionada para as ciências sociais; pois que se trata de um modelo acadêmico de humanismo. Humanismo dos doutos, subjetivado, marcadamente, nos filólogos, historiadores, filósofos, juristas, cientistas políticos, literatos, enfim. Estrato social ainda hoje referido como ícone de erudição ou cultura comumente adjetivada de enciclopédica. Tudo muito próprio de uma sociedade que exagera um pouco no prestígio à pura ilustração mental de suas intelectualizadas elites, confundindo, não raras vezes, bons costumes com boas maneiras; acúmulo mecânico de informações com aprofundada formação cultural; talento com memória; conhecimento com sabedoria.

1.5 Era, e ainda é, residualmente, o humanismo típico de uma sociedade não por acaso apelidada de bacharelesca; ou seja, *palavrosa*, enfatuada, conservadora (conservadora no plano da Política, conservadora no plano das convenções sociais). O que não tem impedido o despontar de estudiosos que aliam ao mais sólido lastro cultural o mais vivo compromisso com a emancipação político-social das massas empobrecidas.

1.6 O mais vivo compromisso, acresça-se, também com o fazer da questão nacional uma trincheira de resistência a um tipo de colonialismo mental que responde pela descrença em nossa incomparável originalidade. Esse colonialismo invisível, camuflado, que, na aguda percepção de Eduardo Galeano, “te convence de que a servidão é um destino e a impotência, a tua natureza: te convence de que não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser” (em *O livro dos abraços*. 11. Ed. Porto Alegre: LP&M, 2004.p. 157).

## NOÉLIA RIBEIRO

### INFORMATIVO

Humanidade obsoleta,  
sem garantia ou devolução.

Perdeu-se o manual  
no cofre do tutor da guerra.

Ontem, enquanto jantava sopa de  
batata com macarrão de letrinhas  
e ossos,  
ele pensou:

Entre gritos e mísseis,  
aos perdedores os destroços.

### DEVER DE CASA

A porta de casa  
separa vontades e deveres.  
Estes cumpro fielmente  
enquanto o pensamento voa  
demente

À porta de casa,  
ainda hesito.  
Guardo as asas  
e inicio o rito.

### IDADE

Perdeu  
os óculos  
a bolsa  
Esqueceu  
o nome  
as compras  
Trocou  
a senha  
o horário  
Tropeçou em folhas secas

Já era outono

# DUAS REVISTAS: UMA NAUFRAGOU, A OUTRA QUASE VIROU CINZA

Edmílson Caminha

**A**o longo da História, o Itamaraty transcendeu o papel institucional que lhe cumpre exercer – representar diplomaticamente as posições políticas e os interesses econômicos do Brasil no concerto das nações – para também se fazer um centro de primazia acadêmica, à altura do que há de melhor no magistério universitário brasileiro. Prova disso são os homens e mulheres diplomatas que o honram e engrandecem, ontem como hoje: Guimarães Rosa, Antônio Houaiss, José Guilherme Merquior, Vinicius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Sérgio Paulo Rouanet, Vera Pedrosa, Alberto da Costa e Silva, Evaldo Cabral de Mello, Francisco Alvim, Lauro Moreira, Carlos Henrique Cardim, Paulo Roberto de Almeida, João Almino, Gisela Maria Padovan, Sérgio Danese, Gonzalo Mourão, José Maurício Bustani e Irene Vida Gala, além de tantos outros. A par do desempenho das funções burocráticas e protocolares como embaixadores e cônsules, publicaram obras literárias (e muitos felizmente ainda as escrevem), dirigiram programas editoriais de relevo e possibilitaram o lançamento de periódicos que enriquecem a cultura brasileira.

Criada em 1993 por decreto do presidente Itamar Franco, a Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil foi presidida pelo embaixador Lauro Moreira, responsável pela publicação de três excelentes números da revista *Rumos*. Com o subtítulo “Os caminhos do Brasil em debate”, abria as páginas para a discussão de ideias, a livre defesa de pensamentos e de opiniões, longe do oba-oba demagógico que está mais para a propaganda de governos do que para o diálogo intelectual. Sob a direção do jornalista Dirceu Brisola

e o saber do também jornalista Daniel Piza, um dos editores, não havia dúvida quanto à seriedade do projeto, como se lê na apresentação do diplomata Lauro Moreira:

A revista *Rumos* nasce com objetivos claros. Ela se insere na proposta da Comissão Nacional do V Centenário de fazer dos 500 Anos um momento de reflexão sobre caminhos e perspectivas do Brasil. (...) Como espaço de debates, *Rumos* será pluralista e crítica. Cada número privilegiará um tema, tratado por intelectuais de diferentes tendências. (...) Espero que *Rumos* contribua para mobilizar a sociedade brasileira em torno de uma reflexão crítica sobre o significado de nossos quinhentos anos de história, com os olhos postos no futuro.

O primeiro número (dezembro de 1998 / janeiro de 1999), com o tema “Conflitos da identidade nacional”, traz longos e substanciosos ensaios de Jorge Coli, Olgária Matos, Carlos Guilherme Mota, Eduardo Portella, Renato Janine Ribeiro, Ismail Xavier e Rosa Maria Dias. Textos a que se somam uma entrevista com o professor João Luís Fragoso, poemas de Marly de Oliveira e a memória de Ferreira Gullar como uma das primeiras vítimas do AI-5, preso que foi no infausto dia 13 de dezembro de 1968. Que outra revista brasileira, mesmo as acadêmicas, reúne tanta gente boa logo na edição inaugural?

Para o número 2 (março / abril de 1999) escrevem, como resposta à pergunta “Quem és tu, Federação?”, intelectuais com a relevância de Francisco de Oliveira, Fernando Luiz Abrucio, Isabel Lustosa, Rui de Britto Álvares Affonso, Celso Furtado, Luiz Roncari,

Milton Hatoum, Rubens Ricupero, Roberto DaMatta e Daniel Piza. O entrevistado é o filósofo José Arthur Gianotti, que, há 25 anos, defendia ideias que continuam válidas:

Acho que a primeira coisa a fazer seria pegar a borracha e limpar a Constituição. Uma emenda supressiva. Não uma constituinte, mas uma reforma geral para que a Constituição fosse mais do tipo americano, mais com princípios, deixando o resto para a lei ordinária. Com um capitalismo desse jeito, com luta social, vai-se adaptando a lei. Definem-se grandes princípios, sem imaginar que a Constituição vá garantir tudo. E conforme venha um governo mais de esquerda, promulga certas leis, em vez de mexer na Constituição. O detalhismo da Constituição não tem sentido. Em segundo lugar é a reforma política. Esse negócio de partido nanico é altamente prejudicial para a política. Ter um jogo político mais limpo não permite, por exemplo, aventureiros que chegam a matar gente. A reforma política é fundamental.

“Brasil / Portugal, o legado ambivalente” é o mote da terceira edição de *Rumos* (maio / junho de 1999), com estudos de Aspásia Camargo, Evaldo Cabral de Mello, Miriam Dohnikoff, Evanildo Bechara, João Almino, a portuguesa Graça Capinha, Jacqueline Hermann, Luís Antônio Giron e Leda Tenório da Motta. Entrevistado por Daniel Piza, o historiador inglês Kenneth Maxwell não vê, hoje, afinidades maiores entre Brasil e Portugal:

O Brasil é muito grande, muito diversificado, multiétnico

e multirracial, com uma experiência histórica que seguiu caminhos muito diferentes dos de Portugal, por mais de um século, para que essa identidade reflita a realidade. Os laços de idioma e história, o passado colonial comum, algumas continuidades institucionais e atitudes burocráticas obviamente continuam. Mas me espantei em minha primeira visita ao Brasil com o quanto ele é diferente de Portugal, da mesma forma como os Estados Unidos são muito diferentes, em vários sentidos, do tipo de mundo inglês onde cresci.

A capa não informa, como antes, “publicação da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil”, mas apenas “publicação comemorativa do V Centenário do Descobrimento do Brasil”. Sinal, talvez, de que, por inveja ou por mesquinha, já houvesse insatisfeitos com o brilho de Lauro Moreira à frente da Comissão, como a folclórica e ridícula figura do governo Fernando Henrique Cardoso que poria tudo a perder. Abandonou-se o belo programa de eventos culturais pela construção de uma réplica da caravela de Cabral, que afundou sem navegar sequer uma milha. Melancólico símbolo de como triunfam as nulidades, desde o tempo de Rui Barbosa. Assim naufragou a revista *Rumos*, que não chegou a padecer do “mal dos sete números”, como tantos bons periódicos brasileiros: foi morta aos três...

• • •

Em 2017, o presidente Michel Temer criou, por decreto, a Comissão Nacional do Bicentenário, responsável pelos eventos oficiais comemorativos dos 200 anos da Independência. Presidido pelo ministro da Cultura, o grupo jamais se reuniu, tão rapidamente se sucederam as nomeações para a chefia do ministério. Sabedor de que tudo resultaria em nada, o diplomata Paulo Roberto de Almeida, então presidente do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, sugeriu a formação de um Grupo de Trabalho do Bicentenário da Independência, no âmbito do

gabinete do à época ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes Ferreira. O coordenador-adjunto, embaixador Carlos Henrique Cardim, propôs a edição de uma revista que ombreasse com os 49 números da *Oceanos*, publicada em Lisboa, entre 1989 e 2002, pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. Criou-se, assim, a *200*, cuja meta se patenteia na apresentação do editor Cardim:

A revista *200* é uma publicação periódica de divulgação de artigos sobre a Independência: textos já publicados, mas de difícil acesso, e textos originais. Contribui para uma visão mais ampla do processo, com ênfase na sua dimensão de relações exteriores. Colabora, assim, com a “Comissão Nacional do Bicentenário”. (...) Assim inspirada, a revista *200* propõe-se difundir “monografias conscienciosas”, principalmente do ângulo das relações exteriores.

“Muitas vezes o olhar estrangeiro enxerga mais nítido e seleciona melhor que a visão do nacional”, escreve o apresentador, para concluir com uma história:

No almoço oferecido pelo Presidente Tancredo Neves, em nossa Embaixada em Buenos Aires, em janeiro de 1985, em homenagem ao Presidente Raúl Alfonsín, Jorge Luis Borges, presença honrosa no ato, comentou ao Presidente Tancredo Neves duas coisas que impressionavam, e o tocavam forte sobre o Brasil: o livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, e particularmente a frase do Hino da Independência: “Brava gente brasileira”, disse cantando.

Tancredo ouviu com atenção e apreciou bastante. Borges – ao lado da mulher, María Kodama –, cego, e com bengala que trouxera dos pastores do Egito, viu claríssimo o espírito e o sentimento que movem o Brasil.

Com data de outubro / dezembro de 2018, o primeiro número da *200*

enfeixa páginas de Jean-Baptiste Debret, Arno Wehling, Gilberto Freyre, Márcia Regina Berbel, Raymundo Faoro, Carlos Lima Junior, Solange Ferraz de Lima, Pedro Calmon, José Murilo de Carvalho (com Lúcia Bastos e Marcello Basile), Gonçalo Mourão, João Alfredo dos Anjos, Paulo Roberto de Almeida e Manuel Diegues Júnior. Capítulos primorosamente ilustrados, a comprovar a excelência do projeto e o apuro da edição.

Impressa pela gráfica em dezembro de 2018, a revista foi censurada pelo governo Jair Bolsonaro, que se empossaria um mês depois. Sobre a espantosa decisão, lembra o diplomata Paulo Roberto de Almeida:

Qual não foi a nossa surpresa quando a tropa de bárbaros que estava tomando posse do Governo e do Itamaraty, sob as ordens diretas do patético chanceler acidental, ordenou o “sequestro” – essa é a palavra – da revista e sua não distribuição. Depois, eu soube que foi ordenada a sua destruição, *así no más...*

Sem lançamento nem circulação, nenhum exemplar da *200* chegou a leitores, a bibliotecas, a cadernos de cultura da imprensa. Não bastasse a asfixia, determinou-se a queima de toda a edição, como se regredíssemos aos autos de fé medievais, sob a loucura de infames que nos afrontaram como povo e nos comprometeram como nação. Milagrosamente, salvou-se a revista das chamas, para que ficasse como prova de que o bicentenário da Independência poderia ter-se comemorado de maneira digna, honrosa, decente.

Em 7 de setembro de 1822, Pedro I gritou, às margens do Ipiranga, “Independência ou morte!” Dois séculos depois, o insano Bolsonaro empunha um microfone em Brasília e puxa o coro de “Imbrochável! Imbrochável! Imbrochável!” Que, daqui a cem anos, não voltem os brasileiros a passar por essa vergonha. Quem sabe, então, possa o Itamaraty publicar sua grande revista, com o título *300*, devidamente atualizado...